

HANNAH ARENDT: COMPREENDER A POLÍTICA FASCISTA DO NOSSO TEMPO.

Autor: Benedito Carlos dos Santos Mesquita¹. Nome do Professor Orientador: Ricardo George de Araújo Silva².

¹Mestrando do curso de Filosofia. CCHL. UFPI, E-mail: benedito_15k@hotmail.com

²Pesquisador do Grupo de Estudo Política, Ética e Educação (GEPEDE), CENFLI, UVA, E-mail: ricardogeo11@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa pretende refletir como as políticas fascistas estão vindo à tona. Elementos que marcaram a história da humanidade e que até hoje carregam cicatrizes de uma experiência horrível. A nossa metodologia parte primeiramente da observação das últimas eleições brasileiras e europeias. O segundo método a ser usado é um aprofundamento na pensadora Hannah Arendt, pois as obras que ela retrata vai de encontro com a realidade que estamos presenciando. A autora nos aponta elementos de como a política fascista se utiliza das vias democráticas para se chegar ao poder por meio dos espaços públicos. Dentro dos espaços públicos, eles fazem suas políticas de mentiras e propagar discursos de ódio, pois eles sabem que esses espaços estão vazios e que existem poucas ocupações. Diante disso, esta pesquisa nos lança a olharmos para uma realidade que chegou em nosso país e é preciso debatemos urgentemente.

Palavras-chave: Política, Autoritarismo, Espaço Público.

1. INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Nos últimos anos presenciamos a ascensão da extrema-direita na Europa de forma espantosa e com isso, nos fez questionar sobre o que está acontecendo. Diversos pesquisadores adentraram nos seus estudos em busca de entender como esse fenômeno que tinha ficado no passado, e agora está vindo novamente com mais força através do seu discurso de nacionalismo.

Esse grupo que estava outrora no poder, hoje usa as suas velhas estratégias para alcançá-lo novamente, como mistificar o passado, propagar mentiras em grande escala, no intuito de distorcer a veracidade, criar o Anti-intelectualismo. São esses alguns pontos em que uma política fascista prega quando se encontra no poder. Isto foi o que aconteceu na Alemanha e em outros países que tiveram regime autoritário.

Uma vez que essa política fascista está no poder, os perigos vêm de maneira muito específica para tentar desumanizar os segmentos da população. O seu ponto principal é excluir determinados grupos que são incômodos para eles, e limitar a capacidade de empatia para com os outros. Essa empatia faz criar uma justificativa para determinados tratamentos desumanos pelo uso da palavra e da força bruta, tendo a justificativa a “liberdade de expressão”, sendo que essa liberdade de expressão¹ acaba sendo sufocada.

Essas características da “política fascista pode desumanizar grupo minoritário mesmo quando não há o surgimento de um Estado explicitamente fascista” (KTEILY; BRUNEAU, 2017, p. 89,

¹ Para Stanley (2020, p. 46), “a principal razão de termos liberdades de expressão na democracia é para facilitar o discurso público sobre políticas por parte dos cidadãos e seus representantes. Mas o tipo de debate em que um grita insultos para o outro, sem falar nos casos que envolvem violência física e posterior denúncia ao protesto como um ataque ao discurso, não é o tipo relevante de discurso público que os direitos de liberdades de expressão devem proteger”.

tradução nossa), e isso é possível perceber através dos espaços públicos. É bem verdade que dentro do espaço público, elas não têm tanta força, porque logo é repreendida por aqueles que estão nos espaços de debate. Eles ficam acuados por um momento, em outras palavras, ficam no seu estado adormecido. Mesmo que fique no seu estado adormecido, representa um perigo, porque pode aparecer a qualquer momento.

A política fascista tem algo bastante peculiar que a divisão da sociedade. Para Stanley (2020, p. 15) eles “destina-se a dividir uma população em “nós” e “eles”. Muito tipos de movimentos políticos envolvem tal divisão”. É nessa divisão que eles separam as etnias, religiões, classe econômica e racial. A partir disso, criam suas próprias ideologias como mecanismo a ser usados dentro da política para consolidar sua autonomia repressora.

Quando eles estão na política tentam justificar suas ideias, criando um passado mítico na tentativa de aniquilar o senso comum da história para resplandecer sua visão para o presente. Ou seja, tentam reescrever suas histórias do passado distorcendo a realidade da linguagem, colocando os fatos verídicos sob suspeita. Eles fazem isso por meio da propaganda mentirosa e ao mesmo tempo, tenta prover o Anti-intelectualismo, atacando as universidades e todo sistema Educacional, pois, eles têm autonomia de rebater essas ideias inverídicas por meio dos fatos. Tendo utilizado esses instrumentos “a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as suas teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado” (STANLEY, 2020, p. 16).

Diante do que foi exposto, elegemos o seguinte problema: como podemos combater essa política fascista em nosso tempo atual, uma vez que parece estar suprimindo a verdade factual? Essa problematização parte da hipótese de que os espaços públicos estão vazios de ocupação. A política² acontece quando as pessoas estão juntas para deliberar os seus futuros, sem ferir a dignidade do outro, e para que isso aconteça é preciso que esteja no espaço público. Assim, objetivo da nossa pesquisa é compreender essa problematização, em vista da realidade que estamos presenciando. Aqui iremos dialogar com a pensadora Hannah Arendt e alguns comentadores pertinentes para essa discussão. Esta pesquisa é de cunho bibliográfica efetivada com base nas exegeses de textos, prática já consagrada nas pesquisas filosóficas. As obras citadas ao longo do texto, com também os comentadores foram fichados e confrontados para ter um esboço da compreensão e do problema levantado.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da nossa pesquisa parte da análise de que após Auschwitz, a humanidade teve uma das experiências de desumanidade, que foram os regimes totalitários nazista e stalinista, onde foi posto a seguinte pergunta, qual o significado da política? Diante dessa constatação arendtiana de que a ação política é sinônimo de liberdade, podemos nos indagar de que a política fascista, com o seu uso de programas de desumanização, é responsável pela transformação da própria natureza humana, por torna-lo possível a existência do mal radical, através das ações não-políticas ou até mesmo antipolíticas?

Estas possíveis pergunta tende a cair no campo da política e do espaço público. Visto que a política para Arendt (2017, p. 21) “trata da convivência entre os diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essências num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças”. Para que essa convivência possa acontecer é preciso de um lugar, onde todos que estão dispostos a deliberar, e nele ter o seu lugar de fala e de ação, e este lugar é o espaço público.

Para Arendt (2021, p.12) a política acontece na pluralidade dos indivíduos, em outras palavras, “é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo que tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá”. Ora, se a política é ação humana, então é preciso que se tenha um local específico para que as ações humanas ocorram e este local é o espaço público. Local este, que deve ser ocupado por aqueles que estão dispostos para conservação

² Para Arendt (2017, p. 23), “a política surge no intra-espaco e se estabelece como relação”.

desse espaço. Trazendo para nossa realidade brasileira, o espaço público que deveria ser ocupado, está sendo deixado de lado e sendo ocupado por aqueles que carregam o autoritarismo.

O autoritarismo é uma doença que vai sufocando os espaços públicos, na medida que ele vai ganhando sua proporção. O discurso vai ficando cada vez mais intolerante, ou seja, o discurso por meio de fatos verídicos não consegue alcançar aos demais, vai se criando uma política de violência. Ninguém consegue se suportar, a violência verbal e física começa ocupar o espaço do diálogo ao ponto de fazer o outro se silenciar. Essa característica é muito comum na política fascista, que pretende desintegrar os espaços públicos e abrir portas para violência e repressão. Como também criam raízes profundas dentro do espaço público. Por mais que a política fascista tenha desaparecido no seio da política, ela tem raízes profundas e qualquer momento pode despertar. Por isso, a vigilância e a permanência no espaço público. Stanley (2020, p. 16), em sua análise, traz informações importantes a respeito da política fascista.

A ideologia fascista procura naturalizar a diferença de grupo, dando assim a aparência de respaldo científico e natural a uma hierarquia de valor humano. Quando classificações e divisões sociais se solidificam, o medo substitui a compreensão entre os grupos. Qualquer progresso para um grupo minoritário estimula sentimentos de vitimização na população dominante. Política da lei e da ordem tem apelo de massa, lançando “nós” como cidadão legítimos e “eles”, em contraste, como criminosos sem lei, cujo comportamento representa uma ameaça existencial à masculinidade da nação. A ansiedade sexual também é algo típica da política fascista, pois a hierarquia patriarcal é ameaçada pela crescente igualdade de gênero.

Essas características da política fascista ficam muito visível quando o espaço público não é ocupado. O espaço público é sagrado por que nele os indivíduos aparecem uns para com os outros, por meio da ação e do discurso, e assim conseguem congregam todos os que estão no espaço público. Quando o espaço público vai se esvaziando, vai se perdendo o poder de agrupar os homens entorno da deliberação. Para Arendt (2021, p.65), “o que torna a sociedade de massas tão difícil de ser suportada não é o número de pessoas envolvida, ou ao menos não fundamentalmente, mas que o mundo entre elas perdeu seu poder de congregá-las, relacioná-las e separá-las”.

Quando o espaço público perde o poder de agrupar, os homens vão entrando no seu estado de individualismo. E uma vez dentro desse estado, eles perdem o interesse pela coisa pública, virando uma massa atomizada, expressão usada pela Hannah Arendt. Esse conceito de massa que autora emprega, só se aplica quando há um número de pessoas que não se associa ao interesse comum da sociedade. Essas pessoas são totalmente apáticas aos assuntos públicos e quando não se tem interesse aos assuntos públicos, a política fascista tende de ocupar esses lugares. E uma vez ocupado, eles começam a fazer suas próprias políticas, na tentativa de convencer a massa. Pois eles sabem que,

[...] as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas apenas por uma minoria. *Diante disso*, [...] essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação (ARENDR, 1989, p.362, *grifo nosso*).

Uma vez que a política fascista é instalada dentro do espaço público, ela começa primeiramente invoca um passado mítico que foi uma tragédia para política. Ou seja, aqueles que foram inimigos do espaço público, eles mistificam³ como heróis, colocado a história sobre suspense da dúvida. Eles fazem que os fatos verificados da história sejam colocados em xeque, com o dizer “foi assim mesmo que aconteceu?”, mesmo que a história afirme que foi dessa maneira que aconteceu,

³ Para reforçar essa ideia, “o passado mítico fascista tem uma estrutura particular, que sustenta sua ideologia autoritária e hierárquica” (STANLEY, 2020, p.20)

eles intensificam na mentira até convencer o outro que foi dessa maneira. Exemplo claro disso, é a ditadura militar no Brasil, existem documentos que comprovam que ocorreu torturas, mortes e ocultamentos de cadáveres. No entanto, eles distorcem a história e mostra que a ditadura foi um período bom para o país. E para que isso aconteçam, eles sempre colocam um “inimigo objetivo, [...] ideologicamente determinado”, com afirma Hannah Arendt (1989. p.474), para justificar suas ações.

Para alcançar as massas apáticas, eles trabalham com intensidade na propaganda como forma de disseminar suas mentiras: Eles sabem que as,

[..] mentiras são frequentemente muito mais plausíveis, mais clamantes à razão do que a realidade, uma vez que o mentiroso tem a grande vantagem de saber de antemão o que a plateia deseja ou espera ouvir. Ele prepara sua história com muito cuidado para consumo público, de modo a torna-la crível, já que a realidade tem o desconcertante hábito de nos defrontar com o inesperado para o qual não estamos preparados” (ARENDDT, 2017, p.16)

Diante disso, para derrotar as mentiras é somente no espaço público, pois sabemos em circunstância normais o mentiroso é derrotado pela realidade, quando ele é confronta com a verdade. Por maior que seja o tamanho da mentira que eles ofereçam, nunca será suficiente para cobrir a imensidão dos fatos. A propaganda vai para além da distorção, eles aproveitam minar o discurso público para atacar e desvalorizar a educação e sua linguagem. Aqui, entramos outro ponto que a política fascista usa para desgastar o espaço público, que é provocar o Anti-intelectualismo.

A educação⁴ representa uma grave ameaça ao fascismo ou pode se tornar um ponto de apoio para sua mistificação. Quando eles conseguem penetrar nas instituições de ensino, ele tenta de todas as formas distorcer a realidade. Na campanha de 2018 para eleição presidencial, presenciamos uma distorção da realidade, uma propaganda em massa, que diziam que dentro das escolas existia o chamado “kit gay”, uma inverdade que se espalhou de uma forma rápida e intensa. Aqui podemos dizer que houve uma mistificação a respeito do “kit gay”, uma mentira que teve um poder de convencimento em massa. Outro ponto que podemos citar em 2019, o ex-ministro da educação Weintraub, afirma que as universidades públicas brasileiras têm “balbúrdia” e corta orçamento da educação, outra mistificação.

Diante disso, é possível ver os elementos que caracteriza essa política fascista, uma vez dentro do campo da política, consegue desestruturar os espaços públicos e as instituições que são os pilares do Estado de Direito. Eles conseguem fazer isso e falar certos absurdos em nome de uma “liberdade de expressão”. Pois eles “usam e abusam das liberdades democráticas com o objetivo de suprimir” (ARENDDT, 1989, p. 362). E quando consegue suprimir a liberdade, o sujeito perde os seus direitos e seu espaço de debate.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada tempo, ou em tempos sombrios, somos convocados a ocupar os espaços públicos e ter resistência a qualquer ameaça que possa tirar a nossa dignidade. Não existe outro caminho para resistência, ocupar todos os espaços públicos, tanto virtual como físico. Só podemos ocupar quando tivermos a consciência de que a política parte da ação e do discurso. E que a política não é de um ou de dois, mas de todos. Enquanto existir o espaço público garantido para todos, teremos a oportunidade de combater a política fascista que está no nosso meio.

⁴ Vale ressaltar que “na ideologia fascista, objetivo da educação geral nas escolas e universidades é incutir orgulho do passado mítico. A educação fascista exalta disciplina acadêmicas que reforçam as normas hierárquicas e a tradição nacional. Para os fascistas, as escolas e universidades existem para doutrinar o orgulho nacional ou nacional, transmitindo, por exemplo (onde o nda extrema-direita na Europa é radicalizado), as gloriosas conquistas da raça dominante” (STANLEY, 2020, p.58 e 59)

4. AGRADECIMENTOS

Agradeço a bolsa de pesquisa Capes, que está financiando esta pesquisa e aos mesmos tempos, a Universidade Federal do Piauí na qual pertencço. Ao grupo GEPEDE da Universidade Estadual Vale do Acaraú que faço parte.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução Roberto Raposa; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 13^a. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- ARENDDT, Hannah. **Crise da República**. Tradução Jose Volkman. 3^a. Edição. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Tradução de Reinaldo Guarany. 12^a. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2017.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KTEILY, Nour; BRUNEAU, Emile. **Backlash: The Politics and Real World Consequences of Minority Group Dehumanization**. Personality and Social Psychology Bulletin, v.43, n.1, p. 87 – 104, 2017.
- STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Tradução Bruno Alexander. Porto Alegre. L&M, 2020.